

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OVIDOR

32-subrado-32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

58000
118000
208000

PROVINCIAL

Semestre 118000
Anno 218000
Avulso 18000

1868



"Porque te cobriste de luto, querida? ²
"Quias ver, me cobriste de galas no momento em que Rossi
abandona o Rio de Janeiro?..."

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 5 de Agosto de 1871.

Será isto uma chronica?

Não sei; porém creio piamente que não é.

A chronica deve ser uma como revista dos acontecimentos mais notáveis, uma especie de esmorana dos factos consummados, que mais prenderão a attenção publica nos ultimos dias que a precederão, uma resenha, enfim, dos successos com seus competentes commentarios.

Para escrever chronica fóra-me preciso fallar não só na já madura proposta do governo sobre o elemento servil, como tambem nas desnaturalisações do brigadeiro Fideis, e de outros *brigadeiros* mais ou menos *brigadeiros*, que lá andão pelo Rio da Prata quebrando suas lanças contra os brancos e contra o artigo 7.º § 2.º da Constituição do Imperio.

Fôra-me outrinm necessário mencionar, com acompanhamento de considerações robustas, o relevante serviço prestado pelo Sr. Director do Corpo de Bombeiros na extincção do incendio de uma barreira de carvão, na rua da Quitanda, numero 170, pelas dez horas e tres quartos da noite de 26 do corrente.

E tambem não deixar de entoar um hymno a séccao em louvor do Sr. Salvador de Mundunga pela porgrina carta que escreveu ao Sr. Machado de Assiz, em resposta a outra que o mesmo Sr. Machado de Assiz lhe havia escripto a respeito do tragico Ernesto Rossi.

E ainda mais:

Consagrar algumas inspiradas linhas na analyse da novissima (para nós) opera de Verdi — *A Força do Destino*, actualmente em scena no theatro da Rua da Guarda-Velha;

Pôr nas nuvens o Sr. Arnaut, por causa do escolhido pessoal, que contractou para o Alcazar em sua ultima viagem á Europa, pessoal que de dia para dia vae despertando maior enthusiasmo nos *habitues* d'aquelle theatro;

E dizer cousas do arco da velha a respeito da jubilosa demonstração, feita pelos empregados brasileiros da estrada do ferro (ingleza) de S. Paulo, a favor dos Srs. Fox o Fryer, e contra o administrador da provincia que os quiz responsabilisar por um crime que não commetterão.

Mas não tenho hoje tempo... nem geito para isso.

Faça, portanto, consigo cada um dos respeitaveis assignantes d'este hebdomadario as suas razões que lhe occorrerem sobre os diversos topicos acima apontados.... e por esta vez contentemo-nos com isso.

Por minha parte ap-nas tangenciarei — muito de leve nos que se seguem:

As autoridades policiaes, resolvendo olhar do perto as casas que dão dinheiro sobre penhores, declarão que no proximo mez procederão a exame nos livros e documentos pertencentes a essas casas.

Bravo! Muito bem!

Excelente é a medida; seus effeitos não podem deixar de ser em extremo salutariferos para as miserias victimas que....

Porém porque não se faz a causa completa?

Porque se fica em meio canjinho?

Porque não se hão de tambem examinar os livros das casas que *rendem* dinheiro com juros capitalizados de quatro e cinco por cento ao mez?

Serão as de penhores mais perigosas e nocivas do que estas?

Haverá n'ellas mais abusos do que n'estas?

Não o creio, e julgo, portanto, que bom seria entender a medida a todas, sem excepção de uma só.

Reclame desde já toda a attenção do publico para a brilhante festa que, em beneficio da *Sociedade Amante da Instrução*, deve ter logar no salão do Club Fluminense a 14 do corrente.

Se ha gentios que n'eyra valiosa e decidida pretensão, está n'esse caso a sociedade de que trato.

Os fins della recommanclam-na; o programma do concerto, onde avultam os nomes dos amadores e artistas mais distinctos do Rio de Janeiro; attrahê. Além disso, a festa será honrada com a presença de S. A. Imperial e seu augusto esposo.

Não sei, que possa haver m-lhores incentivos á concurrencia publica.

Tinha ainda muito que dizer sobre politica; mas, por hoje, deixo esta senhora em santa paz, embora ella mostre mais do que nunca tendencias para pôr em guerra aberta todo o orbe catholico e protestante.

A de C.

Assumpto de varias côres

Do primeiro periodo das operas de Verdi é "Nabuco donoso" aquello que maior nome lhe deu, no dizer dos criticos conceituados. O "Herminia" trabalho posterior ao Nabuco, encerra talvez maior dose de melodias populares e inspiradas, mas olhado á luz da verdade e da razão, não apresenta o cunho philosophico de que tão abundantes provas se encontrão na opera a que Verdi deve a sua reabilitação artistica.

Nos ensembles, especialmente, houve regresso; e na parte *choral* do Ernani esqueceu o compositor as innovações feitas pela escola allemã e seguidas pelo proprio Rossini, para se encostar ás velhas usanças do systema italiano, onde o côro não é, pela maior parte das vezes, mais do que um pretexto engenhosamente encaixado para dar aos cantores o tempo de irem refreocar a guela por traz da cortina. São ainda os criticos que assim fallão.

Cá por mim, embara entenda que a melhor musica é a que segue mais á dica a intenção do poema, o que uma opera não deve ser somente o complexo de phrases musicas, destinadas a acariciar o ouvido, mes-

mo em despeito do senso commum, achei, outr'ora, como acho hoje no Ernani, trechos de belleza incontestavel encarados quer pelo lado da philosophia quer pelo lado da inspiração.

O final "O somno Carlo," e o terceiro "Ferma, cruddle", parecem-me estar n'esse caso, e não sei de musica que melhor traduzisse a intenção de Victor Hugo italianisada pelo author do *libretto*, que serviu de base ao trabalho musical de Verdi.

A acceitação que o nosso publico dispensa sempre ao Hernani obriga todas a. empresas lyricas, que visitem o Rio de Janeiro, a fazerem exhibição de opera tão ao sabor das platéas.

Diversas interpretações tem visto o nosso publico da opera em questão, e diversos artistas tem alcançado lueros cantando os trechos de que ella se compõe.

A companhia actual, reproduzindo a opera de Verdi, satisfaz os desejos que muitos tinham de ouvir ainda esse *spartitio*, e se na execução, não conseguio ir alem do que já haviamos presenciado, confirmou ao menos a merecida reputação de que já gozam alguns dos seus artistas.

A Sra. Pasi cantou artisticamente a sua parte, e no terzetto final, sobretudo, arrancou applausos sinceros pelo sentimento que infiltrou no seu canto, e pelo colorido brilhante que soube dar ás phrases altamente dramaticas daquelle inspirado trecho.

Alóra uma *puntatura*, no mesmo terzetto, que alem de ser uma falta de respeito ao author da musica me parece pouco appropriada aos recursos do Sr. Ballarini, conseguiu este agradar a quantos o ouviram.

Ordinas disse com arte a cavatina do primeiro acto, e na phrase final *è vano il piangere, o donna poz-se a par dos melhores Silvas que entre nós tem estado.*

O Sr. Mazzoni satisfaz, até certo ponto, as exigencias do publico no *Vieno meo, sol de rose*; mas não o acumpenhou igual felicidade nos outros trechos da opera.

Os coros houveram-se muito regularmente, e a *mise-en-scena* justificou o esmero que a empreza lyrica empregou na promptificação dos seus espectáculos.

Para dar maior veriedade a estes, compoz ultimamente o Sr. Poggiosi um *concertissement*, onde M^{lle} Montero executou admiravelmente alguns passos difficeis, que mostram o crescente progresso da gentil baillarina na arte a que se dedica.

Antes de largar o theatro italiano vou dar ao leitor uma boa nova.

Pietro Ferranti, o Dalcarnor por excellencia, o D. Pasquale mais festejado d'esta epocha, e o *Figaro* mais completo d'este mundo, achá-se de novo no Rio de Janeiro.

Deos queira que a empreza lyrica se lembre de chamal-o por algum tempo ao seu gremio, dando-lhos, para alternar com o repertorio d'alto coturno, algumas d'essas operas buffas onde Ferranti tanto se distinguio outr'ora.

Rossi despedio-se do publico fluminense a 31 do passado.

Cheia como um ovo — é a phrase de que me servirei para dar ao leitor uma idéa do aspecto da sala.

Fanatismo, phrenesi, delirio, — eis as palavras que melhor classificam o estado moral de quantos enchiam os camarotes e cadeiras do theatro lyrico.

Chamadas ao proscenio foram sem conta durante o espectáculo, e no fim mais de seis centos ramalhethes vieram cahir aos pés do grande artista, além de um riquissimo *galgan* de ouro e pedras preciosas, que lhe foi offerecido, em nome dos seus admiradores, de um dos camarotes do proscenio pelo Exm. Sr. Conselheiro Felix Martins.

A sahida foi ainda Ernesto Rossi conduzido até sua residência ao som de musica festiva, e ao cláreo de archotes e fugas cambiantes, e alli entusiasticamente saudado pela multidão que o acompanhava.

Para mitigar a saudade que Rossi nos deixa, resta-nos a esperança de vê-lo ainda entre nós logo que S. M. o Imperador regresso a esta Corte.

Para satisfazer a curiosidade que muitas familias tem de admirar as *duas finas estrellas* do papá Arnaut, resolveu este effectuar, segunda-vez proxima, no theatro lyrico, uma brilhante representação em que ambas tomam parte.

M^{lle}. Anna conta a sua prolietica *Filha do Regimento*; e M^{lle}. Irma-Marié fecha o espectáculo com a *Canção de Fortunio*, operetta de Offenbach.

Se attendermos ao *fanatismo* que qualquer das supracitadas artistas tem despertado no publico alcazarrino, se a ello juntarmos as seducções do *duo spartitio* inspirados, e pensarmos que de uma cajadada podemos matar dois coelhos, vindo os *duos astros* a um tempo e pelo mesmo prego, não é preciso ser propheta para vaticinar á direcção do theatro francez o mais brilhante resultado d'esta operação extra-muros.

Das officinas do estabelecimento musical de Arthur Napoleão & Narciso sahio, ha dias, nitida e elegantemente impresso o ultimo trabalho do distincto pianista Wagner. Deu-lhe o author o titulo de *Fantasia brilhante sobre motivos do Guarany*, e, aproveitando habilmente os cantos mais originaes da opera de Carlos Gomes, conseguiu variar os do sorte a collocar o seu trabalho entre os primeiros d'este genero. O canto dos *aymorés*, a canção do *aventureiro* e o andamento do duetto do 1.^o acto entre Cecilia e Pery formam o grupo de trechos de que o Sr. Wagner lançou mão para nos provar que, como compositor, tem direito aos mesmos louros, que a nossa sociedade, de ha muito, lhe concedeu como executor.

Sob o titulo — *ANU* — foi enviada a esta redacção a poesia, que o leitor encontrará no lugar competente.

Sinto que o author, por mal entendida modestia, talvez, envolvesse o seu nome no véo do mais insondavel mysterio.

AVIDA FLUMINENSE



Muga. sc.

Por causa de uma flor!
 História verdadeira, recheada de rispedas burlescas.
(continuação)



Rhonhosinho, querendo fugir, dá
 com a mãezinha em terra.



Mamado e a consorte, vendo a
 filha no chão, correm à exultância.



Fulgando-se atacado, um dos jacarés
 do lago persegue o jardineiro.



Mamado, para vingar o insulto
 feito às fibras de Rhonhosinho,
 dá furioso pontapé em memória.



Esta voa pelos ares,



e vai cair na boca do jacaré o qual
 se preparava para engolir o jardineiro.

Para que? Pode temer-se a crítica quando bellezas de incontestável merecimento mostram que há talento real e decidida vocação para a arte que immortalizou "Dante, Camões, Garrett, e Gonçalves Dias"?

A pressa que a "Vida Fluminense" se deu em publicar a poesia, de que trata este trecho da minha chronica, deve provar ao cavalheiro que no-la enviou o prazer que sempre teremos em dar cabida na nossa folha a escriptos seus.

As columnas deste seminario ficão, portanto, á sua disposição.

Effectua-se amanhã, pelas 8 horas da noite, no vasto salão do *Club Mozart* o concerto á emulação promovida pelo Sr. Ricardo Ferreira de Carvalho.

A imitação do outro que o distincto professor oitenta promoveu no recinto d'aquella sociedade, é a entrada gratuita, e no programma só figuram peças excutadas pelas suas discipulas.

São de grande utilidade estes concertos. Além do desenvolverem cada vez mais o gosto musical, concorrem muito para que entre as nossas jovens pianistas se manifeste em alta escala o desejo de rivalisarem entre si. E da rivalidade nasce quasi sempre o amor ao estudo assiduo, qualidade essencial a quem deseja tornar-se perfeito em qualquer arte.

Na brilhante pleiade de amadoras, que tomam parte no concerto de amanhã, ha vocações legittimas, que, intelligentemente guiadas pelo Sr. Ricardo Ferreira, mostram de quanto valem os conselhos de um mestre, digno de tal nome.

Não ha um só lugar disponível para a representação d'esta noite, na *Phénix*.

O prestigio de que gozou os nomes de *Misquita e França Junior*, levou os admiradores do festejado maestro e do fecundo author dramatico, a comprarem d'ante-mão todos os bilhetes d'ingresso.

Se o exito da *operetta* corresponder á expectativa geral (o que não é lieito duvidar) a futura da *Phénix* fica por muito tempo garantida.

A. DE A.

As margaridas

Via-se, ha alguns annos, em um dos pequenos theatros de Paris, uma actriz moça e bonita, conhecida pelo nome de Lazarina.

Seria esse seu verdadeiro nome?

Ninguém o sabia a certo; mas tambem ninguem se animava a perguntar-lhe. Com ellello havia estrado em scena: não elle havia sido feliz: era quanto bastava.

Como os passaros só deixão depois de sua passagem a lembrança sedosa de seus maviosos cantos, as actrizes brillão e desaparecem sem que se saiba, na maioria das vezes, donde vierão e para onde fôrão.

No epocha em que começa esta narração tinha Lazarina atingido sua maioridade.

Havia já dous a trez annos que representava, e sua

reputação começava a correr pelas provincias nas ozas dos folhetins.

Lazarina não tinha por si só a belleza; tinha tambem o espirito e o talento. Não precisa dizer mais para que fiquem todos convencidos que não lhe faltavão adoradores.

Mas Lazarina era, lá a seu modo, uma rapariga como não ha muitas. Se tinha dusias de apaixonados, não se he apontava nem um protector; e suas collegas erão as primeiras a confessar que ella vivia muito tranquilla e retirada.

Lazarina fazia diariamente o trajeto de casa para o theatro e vice-versa, acompanhada sempre por sua mãe, boa e inoffensiva creatura, que fallava pouco e nunca elogiava sua filha, como o fazem a todo o momento todas as mães de artistas. Pelo contrario, todo o tempo que ella ficava sentada em qualquer canto do theatro, chorando ou coçando, até que, ao primeiro signal de sua filha, levantava-se, deixava cuidadosamente sua costura ou seu bordado, e punha-se a caminho para casa com a ligeireza que lhe permitia suas curtas pernas e seu corpo anafado.

Posse qual fosse o tempo, Lazarina e sua mãe voltavão para casa a pé e sem serem acompanhadas por ninguem.

A joven actriz trajava com muita simplicidade. Seus vestidos erão constantemente de cores escuras. Seus uniões enfiados — mocidade e graça.

O interior da casa de Lazarina era, como seu trajar, limpo e simples. Apenas em seu quarto de dormir havia mais alguns objectos de luxo, lacs como: pequenos quadros em delicadas molduras, uma escrivaninha de pau rosa, um relógio de cima de mesa, e cortinas brancas com laços de fita azul claro.

Tudo isto junto, porém, não valia cem luizes.

Não se pense pelo que fica dito que Lazarina não gostasse, como outra qualquer, do diamantes e sedas custosas; mais era tal seu amor pela independencia, que por ella tudo sacrificava.

Entretanto poucas pessoas erão tão francas como ella.

Bastava haver-lhe fallado tres ou quatro vezes para ter entrada em sua casa sem mais apresentação. Por isso erão continuas as visitas que recebia.

Quando Lazarina creava um papel novo no theatro, via-se nas cadeiras uma duzia ou duas de moços, morenos, louros, calvos, ou mesmo um pouco grisalhos, que não perdião o menor dos seus movimentos e que applaudião com inextinguivel phrenesim.

Lazarina conhecia-os todos de vista, e por um numero de orden.

Estando ella um dia bastante triste, perguntarão-lhe:

— Que tens, Lazarina? Porque estás assim pensativa e tristonha?

— Nem mesmo sei; porem creio que é porque ha oito dias não vejo o meu numero quinze. Terá elle morrido?

Entretanto Lazarina, sem amar ninguem, não dei-

xava de ter suas preferencias. Alguns dos números agradava-lhe mais do que outros. E quando ella conversava com elle tinha sempre em seus labios mais sorrisos, em seus olhos mais expressão.

Entre todos seus preferidos havia um para quem Lazarina mais vezes olhava.

Porque?

Nem ella mesma sabia.

Chamava-se Jorge de la Moïre, era moço, louro e achava-se alitado no numero oito.

Tinha alguma fortuna, maneiras distinctas, e um emprego que não lhe tomava muito tempo.

Havia já algum tempo que Jorge ia assistir a todos os espectáculos em que Lazarina representava. N'uma noite em que a intelligente actriz creou um papel novo com muita malicia e graça, mandou-lhe Jorge um ramalhete, acompanhado de um carta, por elle assignada, fallando de seu amor em termos simples e verdadeiros.

Lazarina abriu a carta, leu-a, e guardou o ramalhete. No dia seguinte nova carta e novo ramalhete. D'esta feita trazia a carta, alem do nome e endereço de Jorge.

Lazarina leu a carta, cheirou as flores, mas não respondeu.

De então em diante começou a actriz a receber diariamente flores e em dias alternadas cartas, todas do mesmo Jorge, e todas tão apaixonadas, quanto polidas.

Lazarina lia-as com um singular prazer e muitas vezes não só tornava a lê-las, com até as esquecia em baixo do seu travessiro. Os ramalhetes, esses tinha ella o cuidado de pôr sempre em vasos, que enchia com agua bem fresca. Depois ia para a janella e olhava para a rua, porque lhe parecia que Jorge não podia deixar de passar.

Na peça que então representava, vinha Lazarina para a scena com um pequeno indispensavel, em que guardava papéis que lhe servião para o entrecho.

Todas as noites tinha ella o cuidado de por no tal indispensavel alguma flor do ramalhete, que Jorge lhe mandára pela manhã.

Algum tempo depois, Jorge, incommodado com o silencio pertinaz da actriz, deixou de escrever-lhe por oito ou dez dias, se bem que continuasse a mandar-lhe regularmente os ramalhetes.

O que mais incommodava Lazarina era que nesses oito ou dez dias também não via Jorge nas cadeiras.

(Continúa.)

POESIA

Anjo

A...

Se tanto, o titan das epopéas,
A Virgílio pedir-lhe fosse guia
Nos píncaros celestes;
Porque não se dá tu, anjo divino
Men guto e paranymphe, n'esta vida
De solidões agrestes!

E depois, a missão por Deus imposta
Aos alados naves, lá do alto

Pilhos dilectos seus,
E na vida guiar os transviados
E ao cecar do palp-lira, mostrar-lhes
O caminho dos céus!

E tudo? Ainda não, e senão vêde
Um herco ali, rebento pelas azas
Dum alvo chorubim.
Far á gentil cabeça da creança
Flores sem-lhos abrançar, e corollada
Esperanças sem fim!

Abandonosa? Não. E' hoje infante
A creatura que ainda é puro e confiante;
Mág — halhucar.
Palavra divina, de Deus a bíblia
Altar e culto aos torac-a miedos
Para soffrir e amar.....

Oh! se das illicções durasse sempre,
Essa quadra da vida em que os brancos
Resumem a existência;
Nem tu, anjo querida das rias
Aqui, á terra, das troupeiras luzes
Na treva e da sciencia!

Solheio mui, e lá. E' o mancho
Descolando tal, e do dia exultando
En ser e da não sei.
S-rá a alma pó, partido o vazo?
Virá a eterna vante após o dia?
Cessará o soffrir?

Oh! não; é agora que comecam,
Os tremendo combates da existência
Haurida a peito cheio.
A duvida aralhou oval, é tudo,
Ilustro disse a ultima pala-ra,
Desfz-se o devanilo!

Max se ao mancho a tuzo do caminho
Alguna vez tolheu o passo incerto,
Ragou o coração...
Velavas tu, enanação divina
Atredando-o do bátrino, e dando-lhe
A tua eburca nã,

..

Bem dito sejas tu meu sal da vida
De Deus bradações, alvo fanel,
E's o puro cêo, sempre vernal
Que a existência torna appetitiva.

Como a brisa que affasta docemente
O turbilhão de nuvens para além;
Do soffrimento és balsamo também
E de tudo que é bom, e grão á mente.

A tudo chega a tua fôrça immensa,
A todos levas vida e alegria,
Tudo ao teu mago encanto s'irradia
A duvida destróes, fundas a creença!

Pois bem: antes que a tarde d'esta vida
Desca, e mude a treva em vez da luz:
Torna meus pesada a minha cruz
E o alidade em esada mais florida.....

Rio, 7 de Julho de 1871.

J. P.

CARLOS F. MUELLER — Typ. rua da Ajuda n. 16.

Se vingas a questão do ventre lebre.



a companhia dos esgotos levará o preço dos mesmos,

e substituirá os canos actuaes por outros de maiores dimensões.



O Le Roy de Souza tornar-se-á o ídolo dos boticários.

e os negociantes de louça colarão fotosafreite o preço de certa mercadoria, Estabelecido das prohibições do Dr. Mul das vinhas.